

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS: OBJETO E CONCEITOS

META

Apresentar os conceitos de língua, dialeto e variedade linguística pertinentes à Sociolinguística.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
distinguir os conceitos de língua, dialeto e variedade linguística, separando o campo de estudos da Sociolinguística do campo de estudos da Dialetologia.

PRÉ-REQUISITOS

Realização das atividades e leituras da aula anterior.



(Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>)

INTRODUÇÃO

Nesta aula, vamos discutir conceitos que são muito próximos, e por vezes até tomados por sinônimos, que causam certa confusão quando mal empregados. O que é uma língua? E o que é um dialeto? O que diferencia uma língua de outra? E quantos dialetos têm uma língua? Como surgem as línguas? Estas e outras questões estão na esfera da Sociolinguística e também da Dialectologia. Veremos, então, como distinguir estes dois campos do saber, definindo os objetos de análise de cada um.



(Fonte: <http://tecnoblog.net>)

LÍNGUA E DIALETO

Quando observamos as relações entre língua e sociedade, frequentemente ouvimos avaliações sobre o falar diferente de outras pessoas: falar “arrastado”, “cantado”, “rápido demais”, “forte”, entre outras avaliações um tanto quanto subjetivas. Você já ouviu um português falando português? Se você ainda não teve esta oportunidade, entre no site do Instituto Camões e acesse o áudio e transcrição de alguns falares de Portugal. Nós, brasileiros, temos a impressão de que os portugueses falam “engolindo” as vogais. Mas se todos nós falamos o português (e foi assim que aprendemos na escola), por que será que existem tantas diferenças?

O Instituto Camões < <http://www.instituto-camoes.pt/> > é um órgão do Ministério de Negócios Estrangeiros de Portugal responsável pela promoção da língua e cultura portuguesa no mundo. Em < <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/geografia/> > no link “Registos Sonoros”, você encontrará amostras de falares portugueses e também do português fora da Europa.



Quando nos deparamos com alguém que fala “diferente”, dizemos que esta pessoa tem “sotaque”. Sempre é o outro quem tem sotaque; é uma impressão subjetiva da diferença, que faz com que julguemos o falar; daí as avaliações de “arrastado”, “cantado”, etc. A definição de sotaque é relacionada à pronúncia característica de um dado país, uma dada região, um dado indivíduo. O sotaque que percebemos são características suprasegmentais e fonéticas. Por exemplo, a entonação, a duração e a altura dos segmentos. Quando falamos em sotaque, falamos nos traços melódicos da realização linguística. Vemos isto com mais clareza quando nos deparamos com um estrangeiro falando outra língua que não a sua língua materna: tendemos a colocar o nosso padrão melódico, além de fazer adaptações fonéticas. Por exemplo, em inglês, a sequência ortográfica th, em “the”; “this”, “thoot”, tem realização fonética de uma fricativa dental [θ], som que não é fonêmico no português. Por isso, quando um brasileiro está aprendendo inglês, faz

algumas aproximações fonéticas para tentar realizar o som: falar um d aspirando ou falar um t; seja qual for a tentativa, não é a mesma coisa que uma fricativa dental, e o falante nativo logo percebe o sotaque, ainda que a estrutura gramatical e as escolhas lexicais estejam impecáveis.

Um sotaque costuma ser associado a um dado perfil de falante, normalmente associado à sua origem. Percebemos, por exemplo, o sotaque paulista, o sotaque baiano, o sotaque carioca. Muitas vezes, as características são estereotipadas: muitos pensam que, para falar “carioquês”, basta palatalizar as fricativas em posição de coda, como em “dois” [doj], “pasta” [paʃte], etc, ou para falar “caipirês”, basta realizar os r em posição de coda como retroflexos. Você conhece alguém que passou três meses no Rio de Janeiro e voltou falando mais carioquês que o próprio carioca? Neste caso, temos uma valoração positiva do estereótipo, pois o traço é adotado como um diferencial, um índice de pertencimento. Mas pode ocorrer o contrário, a valoração negativa: a discriminação e o preconceito linguístico em função dos traços.

Mas as diferenças entre os falares são muito mais do que apenas a curva melódica. Veja o quadro com os tipos de assaltantes brasileiros.

TIPO DE ASSALTANTE

ASSALTANTE MINEIRO

“Ô sô, preste atenção. Isso é um assalto, uai! Levanta us baço e fique quietim que é mió prucê. Esse trem na minha mão ta cheio de bala... Mió passá logo os trocado que eu num to bão hoje. Vai andando, uai ! Chispa daqui!!! Ta esperando quê, sô?!”

ASSALTANTE CEARENSE

“Ei, bixim... Isso é um assalto! Arriba os braços e num se bula nem faça munganga... Passa vexado o dinheiro senão eu planto a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora! Perdão, meu Padim Ciço, mas é que eu tô com uma fome da molesta...”

ASSALTANTE BAIANO

“Ô meu rei... (pausa). Isso é um assalto... (longa pausa). Levanta os braços, mas não se avexe não... (outra pausa). Se num quiser nem precisa levantar, para num ficar cansado. Vai passando a grana, bem devagarzinho (pausa pra pausa). Num repara se o berro está sem bala, mas é para não ficar muito pesado (pausa maior ainda). Não esquentá, meu irmãozinho, (pausa). Vou deixar teus documentos na encruzilhada.”

ASSALTANTE CARIOCA

“Aí, perdeu, meu irmão! É o seguinte, bicho! Isso é um assalto, sacô? Passa a grana e levanta os braço rapa ... Não fica de cão que eu te passo o cerol Vai andando e se olhar pra trás vira presunto...”

ASSALTANTE PAULISTA

“Isto é um assalto! Erga os braços! Porra, meu... Passa logo a grana, meu. Mais rápido mais rápido, meu, que eu preciso pagar o mano que me passo o bilhete para o jogo do curintia, meu. Pô, agora se manda, meu, vai... vai.”

ASSALTANTE GAÚCHO

“O guri, ficas atento... isso é um assalto. Levanta os braços e te aquieta, tchê! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê. Passa os pilas pra cá! Tri- legal! Agora, te manda, tá?”



Fonte: http://www.bacatinha.uol.com.br/home/mensagens/engracadas/2002/01/assaltantes_brasileiros/assaltantes_brasileiros.html

Alguns estudiosos relacionam sotaques a dialetos, como se fossem equivalentes. Um dialeto costuma ser definido como a forma como uma dada língua é realizada em dada região geográfica; não são só o contorno melódico e os suprasegmentos que são diferentes: os traços lexicais, morfofonêmicos, morfossintáticos e semântico-discursivos também apresentam diferenças, em maior ou menor grau, mas que não chegam a impedir a comunicação entre os falantes de diferentes dialetos da língua.

Outro traço associado à definição de dialeto é que esta modalidade não possui registro escrito, é essencialmente oral e, por isso, não teria o status de uma língua. As fronteiras dialetais são chamadas de isoglossas. No Brasil, Antenor Nascentes propusera, na década de 1930, um mapa dos dialetos do Brasil (figura 7).



Fronteiras dialetais do Brasil, conforme a proposta de Antenor Nascentes
Fonte: www.cin.ufpe.br/~rac2/portugues/dialebr.html

O conceito de dialeto ganhou contornos pejorativos, sendo entendido como uma espécie de corruptela da língua, quando na verdade se trata de apenas uma variedade linguística. Assim, na Sociolinguística, opta-se por tratar as realizações linguísticas em comunidades específicas como variedades linguísticas.

A Dialetoлогия, como veremos adiante, é o ramo da ciência linguística que trata do estudo dos dialetos e das fronteiras dialetais, tanto geográficas como sociais. A Sociolinguística, por sua vez, elege como objeto de estudo a variedade linguística, a coexistência das regras variáveis. Embora em princípio pareça a mesma coisa, a Sociolinguística e a Dialetoлогия têm abordagens metodológicas diferenciadas.

VARIEDADE SERGIPANA

Pão jacó: pão francês

Perainda: junção dos termos espere e ainda. Quer dizer, fique esperando.

Avexada (o): com pressa

Aquète (aquiete) o faixo: usada para pedir que alguém contenha os ânimos, ou simplesmente que fique calma

De hoje: Há muito tempo

De hoje a oito: Daqui a uma semana

Mulher: mesmo quando se sabe o nome da pessoa a expressão é utilizada repetitivamente em uma conversa

Niuma (nenhuma): sem problema algum!

Fi (a) do cabrunco (filho do cabrunco): realça as qualidades de alguém, tanto positivas quanto negativas

Botou pá (pra) lá: arreventou, fez muito bem. Pode ser substituída pelas expressões ‘botar pá lascar’, ‘botar pá descer’, ‘botar pocando’.

Da gota: dá ênfase a algo/alguém muito bom ou ruim

Pense: você nem imagina

E foi?: demonstra surpresa em relação à história relatada

Pegar o beco: ir embora

Caçando: procurando

Brenha: lugar muito distante

Vixe: adaptação da palavra ‘virgem’, substituindo a expressão ‘Virgem Maria’

Deixe de conversa: utilizado quando alguém não acredita, ou não quer acreditar, em uma história

Azuado (a): cheio de tarefas a cumprir, estressado

Meladinha: bebida feita com cachaça, cebola e tempero verde, servida tradicionalmente quando um bebê nasce. Muito comum em algumas zonas rurais do Estado.

Divera: derivada da expressão ‘de fato’, usada quando alguém se lembra de algo. Muito usada nas zonas rurais.

Rapaz: a palavra é usada para se referir a idosos, adultos, crianças, mulheres, moças e, por que não, a rapazes!

Avie (aviar): provavelmente derivada da palavra ‘avião’, é usada para pedir pressa a alguém

Már menino (mas menino): expressão usada para discordar de algo

Vou não: hábito dos sergipanos e nordestinos de forma geral, em colocar o verbo antes do advérbio

Mangando (mangar): apesar de estar no dicionário da língua portuguesa, apenas é utilizada na região Nordeste. Significa rir, tirar sarro.

À pulso: na marra, na força

Arrodeou (arrodear): dar uma volta completa em torno de algo ou alguém
Pois... : é uma espécie de palavra-chave no dialeto sergipano, principalmente na capital. É usada nas mais diversas situações: dúvida, discordância, desprezo, etc.

Me picar (se picar): ir embora. Surgiu da antiga expressão ‘picar a mula’

Bora embora: A expressão secular foi se modificando: ‘vamos em boa hora’ se transformou em ‘vamos embora’, que virou ‘vambora’, que ainda foi diminuída a ‘bora. O sergipano usa a repetição ‘Bora embora’.

Painho: forma carinhosa de se referir ao pai e à mãe (mainha), típico dos nordestinos.

Tá cá peste (está com a peste): expressa a descrença em uma hipótese, quando não se acredita que alguém vai tomar determinada atitude.

Tototó: barcos de pequeno porte, muito utilizados em Sergipe antes da construção da ponte João Alves, que liga Aracaju à Barra dos Coqueiros. Recebeu esse nome pelo barulho que o motor emite.

Mô fio (meu filho): gíria urbana, muito utilizada no tratamento entre amigos. O sergipano reduziu as duas palavras que, quando pronunciada, parece uma só.

Baba: partida de futebol descontraída, não oficial. Chamada de ‘pelada’ em outras regiões do país.

Nestante: abreviação da expressão ‘neste instante’. Apesar de dar ideia de presente, também é usada em frases no passado e no futuro.

Que só: expressão utilizada para dar ideia de intensidade.

Ruma: amontoado de coisas ou pessoas; o mesmo que ‘um monte’

Barriar (barrear): ficar irritado, com raiva; em sergipanês, barriar também pode ser ‘ficar azedo’

Ochente: simplifica a expressão ‘Oh, gente!’ (Enviada pelo internauta Ubiratan ramos)

Óia [Olha], deixe dessa: aconselha a não fazer algo ou deixar de lado algum sentimento. Pode substituir as expressões “não faça isso” ou “não pense assim” (Enviada pelo internauta Carlos)

Valeime: usado em situações de espanto ou desespero (Enviada pela internauta Neide)

Arretado: serve para qualificar algo ou alguém positivamente (Enviada pelo internauta Raphael)

Gastura: aflição, mal estar (Enviada pela internauta Jucilane)

E foi, foi? : repetição utilizada pelos sergipanos para enfatizar a dúvida (Enviada pelo internauta Walter)

Eita pêga: expressão para momentos de desespero ou alegria. Ex: “Eita pêga, que coisa boa!”; “Eita pêga, o que eu faço agora?” (Enviada pelo internauta Walter)

Naonde: substitui, em alguns casos, o advérbio onde (Enviada pelo internauta Ademilton Costa)

Paia (de palha, como palhas de coqueiro): coisa, pessoa, situação de pouco valor. E, para variar, pode ser usado também em sentido positivo. (Enviada pela internauta Lili)

Fi do cranco: semelhante a 'fio do cabrunco' (Enviada pela internauta Lili)

Capar o gato: o mesmo que sair apressado, 'pegar o beco' (Enviada pela internauta Lili)

Uma: usada para quantificar, dar ideia de muita coisa ou muitas pessoas (Enviada pelo internauta Gervásio)

Eita gota: utilizada para demonstrar espanto, semelhante a 'eita pêga' (Enviada pelo internauta Gervásio)

Marroque: outra expressão para pão francês, assim como também são 'pão d'água', 'pão de sal' e 'pão jacó' (Enviada pelo internauta Gervásio)

Apois: expressa descrença (Enviada pela internauta Judith)

Viu: substitui o OK ou simplifica a palavra 'ouviu' (Enviada pelas internautas Márcia e Mony Grazielle)

Esmolé: pessoa que pede esmolas nas ruas (Enviada pelo internauta Clévoston Iapa)

Caixa de fósforo: expressão que se dá quando o indivíduo está contando uma história e antes de terminar, ele usa a expressão porque não tem argumento para terminá-la. (Enviada pelo internauta Irineu)

Vôte: expressão usada mais pelos mais velhos, que quer dizer, que negócio estranho (Enviada pela internauta Carla Mendonça)

Baleio: farrá, brincadeira (Enviada pela internauta Carol Amancio)

Pisadinha: passeata em tempos de campanha eleitoral (Enviada pela internauta Carol Amancio)

Ô peste: euforia, entusiasmo (Enviada pelo internauta Alexandre)

Pra caraio: dá ênfase a algo (Enviada pelo internauta Anselmo Bittencourt)

Mangelão: jamelão (Enviada pelo internauta Ricardo Pereira)

<<http://www.infonet.com.br/sysinfonet/images/secretarias/Cultural/vocabulario.swf>>

entre si. Quando falamos em língua, falamos em um traço pátrio, identitário e institucional.

Assim, todas as línguas têm variedades. Tomemos o caso do português. O português é a língua oficial de oito países de quatro continentes, que compreendem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. O português falado no Brasil é diferente do português falado em Angola, assim como, dentro do Brasil, o português falado em Salvador/BA é diferente do português falado em Porto Alegre/RS. Assim, dizemos que a língua portuguesa é composta por variedades.

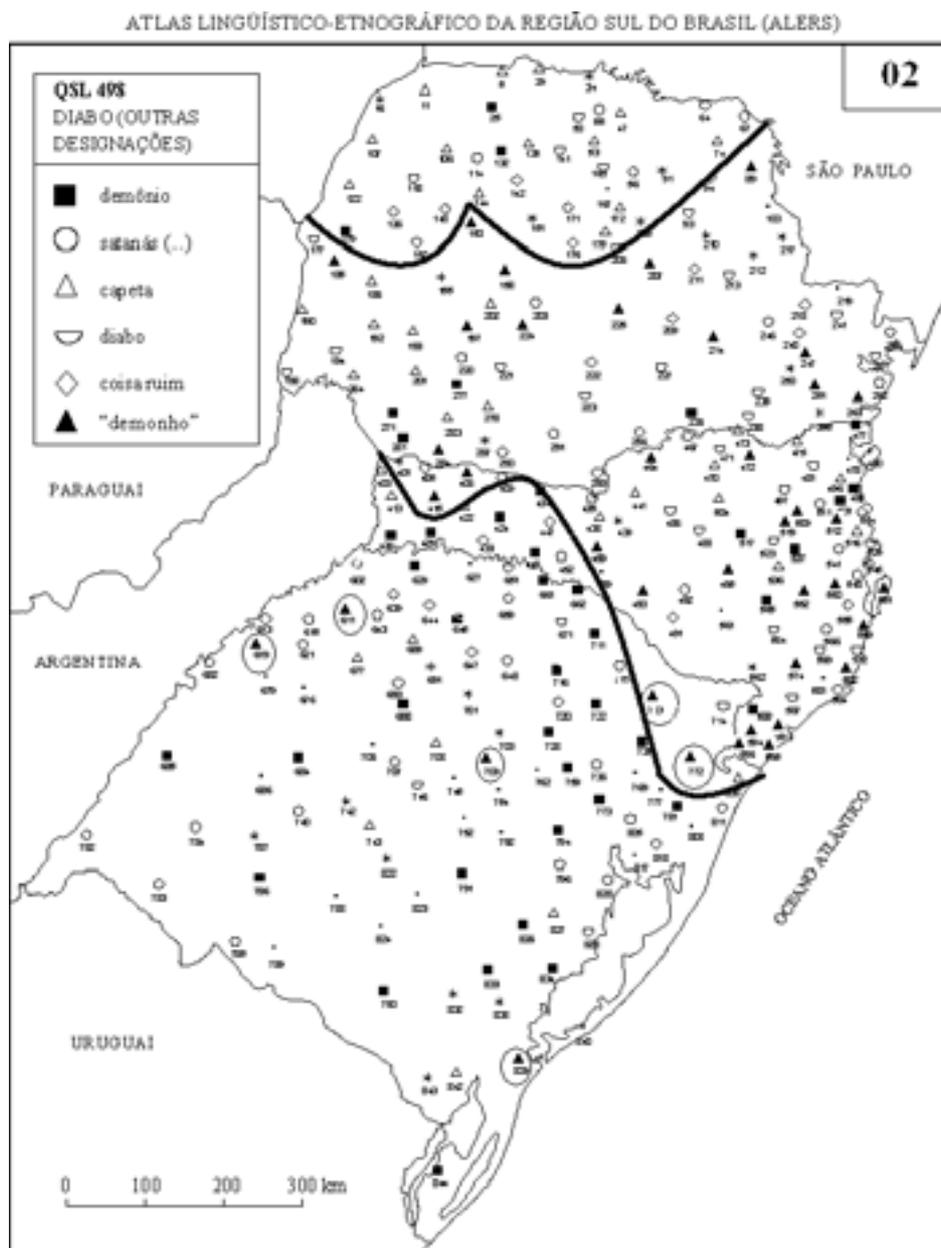
CONTATOS LINGUÍSTICOS

Quando os portugueses aportaram no Brasil, à época do descobrimento, depararam-se com uma população autóctone que não falava português. O que duas pessoas, cada uma falando uma língua diferente, fazem para se comunicar? Nestes contextos de comunicação emergencial, podemos tentar mímica, gestos, a associação dêitica entre uma forma fônica e uma entidade. O interesse em tentar aprender a língua do outro é proporcional ao interesse nos frutos da interação com o outro. As situações de contato linguístico dão-se principalmente nas situações de interação comercial e processos migratórios maciços (como a escravidão).

Quando duas línguas entram em contato, uma assume a função de superestrato (língua do grupo dominante – geralmente minoritário – imposta como veículo de comunicação ao grupo dominado a partir da qual se constitui o léxico da língua que pode se formar na situação de contato) e a outra assume a função de substrato (língua do grupo dominado – geralmente majoritários – que se adapta em termos de estrutura gramatical para receber a contribuição lexical da língua do grupo dominante), situação que pode vir a originar um pidgin.

Um pidgin se forma nesta situação de interação, contato linguístico emergencial, incorporando o léxico do superestrato linguístico à estrutura gramatical do substrato linguístico. A partir do momento que o pidgin passa a ser língua materna (pensemos nos casamentos interétnicos), configura-se um crioulo. Uma das línguas crioulas mais famosas é o tok pisin, falado na Nova Guiné, que tem o inglês como superestrato e uma língua aborígene como substrato.

As línguas crioulas podem, ainda, sofrer um processo conhecido como “descrioulização”, em que os falantes assumem o superestrato linguístico como o padrão de correção gramatical, aproximando a estrutura gramatical do crioulo à da língua do superestrato.



Fonte: PINHO; MARGOTTI, 2009, p 65.

SOCIOLINGÜÍSTICA E DIALETOLOGIA

Vamos voltar às diferenças entre Sociolinguística e Dialetologia. A Dialetologia. O interesse pelo mapeamento geográfico das variedades linguísticas – os dialetos – é anterior à própria linguística: a Dialetologia surge no século XIX. Na Dialetologia, traços linguísticos específicos – por exemplo, itens lexicais e aspectos fonológicos – são elencados e a partir dos quais são coletados dados dos informantes para que subsidiem o delineamento das isoglossas. A Sociolinguística, como vimos na primeira aula, é mais recente, nasce na segunda metade do século XX. As variedades linguísticas também são seu objeto, mas sob uma perspectiva mais verticalizada, pois o interesse

não é aferir as fronteiras de uma variedade, mas como esta variedade se comporta nas diferentes estratificações da comunidade de fala.

No Brasil, a Dialetoлогия tem sido contemplada com o projeto Atlas linguístico do Brasil (ALiB), lançado em 1996. Atualmente, os estudos dialetológicos no Brasil no âmbito do projeto ALiB vêm incorporando a metodologia da Sociolinguística laboviana. O estado de Sergipe conta com dois volumes de atlas linguístico no ALiB (FERREIRA, 1987; CARDOSO, 2002). Para mais detalhes, sugerimos a consulta do link <http://acd.ufrj.br/~pead/tema01/link40.html>

A título de ilustração, vejamos um mapa linguístico do Atlas Linguístico da Região Sul, que trata da variação lexical do item “diabo”.

Para obter este mapa, cada cidade (chamada de ponto) definida para compor o atlas, os informantes selecionados foram interrogados da seguinte maneira: “Deus está no céu e no inferno está o...?” As respostas a esta pergunta foram “diabo”, “demônio”, “capeta”, “satanás”, “demonho”. A linha traçada no mapa da figura 8 aponta uma fronteira dialetal, a partir das repostas obtidas para a pergunta. Assim, a Dialetoлогия vê diferenças entre áreas dialetais tomando por base um traço linguístico específico. A abordagem Sociolinguística observaria como este traço linguístico se comporta dentro de uma comunidade de fala: quando se faz uso deste traço (contexto formal ou informal?), quem faz uso deste traço (Homens ou mulheres? Jovens ou adultos?), entre outros, a fim de definir as relações dentro da comunidade.

CONCLUSÃO

Nesta aula, conhecemos os conceitos de língua, dialeto e sotaque e vimos que a Sociolinguística, a fim de evitar reações de estigma, opta por tratar seu objeto de estudo por variedade linguística. Vimos também nesta aula que a Sociolinguística e a Dialetoлогия são as áreas da Linguística que lidam com o falar, em perspectivas diferenciadas. A Sociolinguística foca as relações da comunidade de fala com dado traço linguístico, a Dialetoлогия foca as fronteiras entre variedades a partir de dado traço linguístico.



RESUMO

Discutimos conceitos básicos da Sociolinguística. Vimos que, quando observamos a relação entre língua e sociedade, ouvimos avaliações impressionísticas referentes ao falar diferente de outras pessoas (“arrastado”, “cantado”, “forte”, etc.). A isto chamamos de sotaque, e o interessante disso é que sempre é o outro quem tem sotaque, quando falamos em sotaque, falamos de traços melódicos da realização linguística. Um sotaque costuma ser associado a um dado perfil de falante, normalmente associado à sua origem, percebemos, por exemplo, o sotaque baiano, o sotaque carioca, etc. Um dialeto costuma ser definido como a forma como uma dada língua é realizada em dada região geográfica; não é só o contorno melódico e os suprasegmentos que são diferentes: os traços lexicais, morfofonêmicos, morfossintáticos e semântico-discursivos também apresentam diferenças. Assim, na Sociolinguística, opta-se por tratar as realizações linguísticas em comunidades específicas como variedades linguísticas. Vimos também que uma língua é muito mais uma unidade política do que uma unidade linguística; está associada a uma nação, a um povo, a um território. Vimos que, quando duas línguas entram em contato, uma assume a função de superestrato e a outra assume a função de substrato, podendo originar um pidgin. A partir do momento que o pidgin passa a ser língua materna configura-se um crioulo (como o tok pisin, falado na Nova Guiné). Cabe ainda mencionar que a Sociolinguística e a Dialetoлогия são as áreas da Linguística que lidam com o falar, em perspectivas diferenciadas, pois a Sociolinguística foca as relações da comunidade de fala com dado traço linguístico e a Dialetoлогия foca as fronteiras entre variedades a partir de dado traço linguístico.



ATIVIDADES

1. Marcos Bagno (2001) aponta 8 mitos do preconceito linguístico:
 - a) A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente
 - b) Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português
 - c) Português é muito difícil
 - d) As pessoas sem instrução falam tudo errado
 - e) O lugar onde melhor se fala português é no Maranhão
 - f) O certo é falar assim porque se escreve assim
 - g) É preciso saber gramática para falar e escrever bem
 - h) O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão socialTente “desmistificar” os 1, 2 e 5 com os conceitos discutidos nesta aula.
2. Ainda de Preconceito linguístico:

“É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo

grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não-nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão.” (BAGNO, 2001, p. 44)

Com base no que discutimos nesta aula, como podemos explicar o que Bagno chama de “língua do Nordeste de Marte”?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

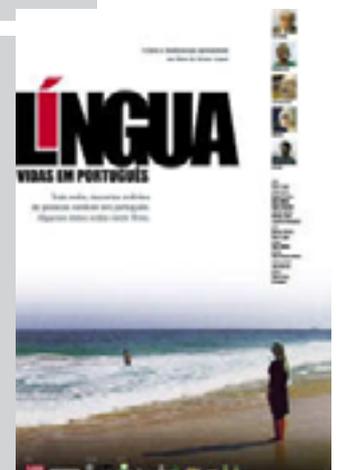
Os três mitos estão interrelacionados e, para serem desmistificados, precisamos ter muito claros os conceitos de língua e variedades linguísticas. A ideia de unidade é apenas política, em termos linguísticos, entendemos uma língua como um conjunto de variedades, logo, não há uma unidade, no sentido de homogeneidade. Toda a língua é constituída por um conjunto de variedades, sem que haja uma superior às demais. A ideia de que há uma variedade correta, seja o português de Portugal, ou o português do Maranhão, ou o do Rio de Janeiro, é equivocada, no sentido de que não há uma variedade linguística superior à outra.

A questão do sotaque leva ao que Bagno chama de “língua do Nordeste de Marte”. Os atores fazem uma adaptação do seu sistema linguístico, particularmente os traços suprasegmentais e fonéticos, na tentativa de retratar o sotaque nordestino. Do mesmo jeito que percebemos que é um estrangeiro tentando falar português, percebemos também alguém que tenta imitar o sotaque de outra variedade, levando aos estereótipos e gerando, até, preconceito.

A leitura do livro de Marco Bagno *Preconceito linguístico: o que é como se faz* é interessante e recomendada para explorar ainda mais os temas discutidos nesta aula.

SESSÃO PIPOCA

Língua: vidas em português (2004). Documentário com Mia Couto, José Saramago, Martinho da Vila, João Ubaldo Ribeiro, Teresa Salgueiro, Edinho. “Todo dia, duzentos milhões de pessoas levam suas vidas em português. Fazem negócios e escrevem poemas. Brigam no trânsito, contam piadas e declaram amor. Todo dia a língua portuguesa renasce em bocas brasileiras, moçambicanas, goesas, angolanas, japonesas, cabo-verdianas, portuguesas, guineenses. Novas línguas mestiças, temperadas por



melodias de todos os continentes, habitadas por deuses muito mais antigos e que ela acolhe como filhos. Língua da qual povos colonizados se apropriaram e que devolvem agora, reinventada. Língua que novos e velhos imigrantes levam consigo para dizer certas coisas que nas outras não cabe.”

PRÓXIMA AULA



Agora que já conhecemos o objeto da Sociolinguística, na próxima aula, A Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológicos, veremos como a vertente variacionista se constituiu como um campo do saber.

AUTOAVALIAÇÃO



Após esta aula, consigo diferenciar língua de variedade? E Sociolinguística de Dialetoologia? Caso ainda esteja com dificuldades, devo procurar a tutoria para dirimir as dúvidas sobre estes e outros conteúdos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. 7a. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. 2 v. Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

PINHO, Antônio José; MARGOTTI, Felício Wessling. **Aspectos de variação lexical no sul do Brasil: o demônio varia no sul?** Interdisciplinar. Revista de Estudos em Língua e Literatura, vol. 9, p. 51-66, 2009.